

SAUSSURE E A SÍLABA

Ricardo Lopes Leite
(Universidade Federal do Ceará)

RESUMO

Este artigo põe em relevo a noção de *sílabas* formulada por Saussure, apresentada sistematicamente nos *Princípios de Fonologia*, capítulo-apêndice do Curso de Linguística Geral. Apesar de pouco citada por aqueles que se dedicam à obra do mestre genebrino, a teorização sobre a sílaba evidencia a originalidade da reflexão saussuriana sobre fonologia. A sílaba é concebida como um princípio geral e, portanto, de natureza abstrata, para a descrição sintagmática das unidades fônicas das línguas, cujo parâmetro de análise é a sonoridade e seus desdobramentos: graus de abertura e fechamento, mecanismos de implosão/explosão e o par funcional soante/consoante. Com isso, quer-se mostrar que a sílaba em Saussure constitui uma categoria teórica, de natureza funcional, que ultrapassa o campo da fonologia para inspirar o pensamento semiolinguístico de muitos dos seguidores de Saussure.

PALAVRAS-CHAVE: sílaba; fonologia; função.

Introdução

Após cem anos de sua morte, Saussure ainda permanece vivo para a Linguística contemporânea, não somente pelas diversas releituras de sua obra, mas também pelo espraiamento de seu pensamento nos mais diversos campos de investigação dos estudos da linguagem. Quando se quer falar de Saussure, os estudos linguísticos costumam circundar os mesmos temas: o problema da imanência e da arbitrariedade do signo, os pares complementares sincronia/diacronia, lín-

gua/fala, dentre outros. No entanto, da profundidade de sua reflexão teórica no campo da fonologia, pouco se fala. Quando citado nessa matéria, Saussure surge muito mais como um predecessor da fonologia desenvolvida pelo Círculo Linguístico de Praga (cf. JAKOBSON, 1967 e TROUBETZKOY, 1970), por ter demonstrado que a língua “constitui um sistema baseado em oposições psíquicas das impressões acústicas”, ou seja, um sistema de relações, em que o que vale para a análise é o jogo das oposições fônicas e não os sons propriamente ditos (SAUSSURE, s/d, p. 43).

Se lembrarmos, no entanto, o fato de que, ainda no seu *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, Saussure (1878) antevira a existência de quatro tipos de /a/ no vocalismo do indo-europeu sem ter registro documental ou falado de nenhuma ocorrência dessas vogais, baseando-se somente em procedimentos dedutivos de reconstrução de relações internas, é, no mínimo, prudente, reavaliarmos o grau de profundidade teórica das suas ideias sobre fonologia.

Neste artigo, pomos em relevo a noção de sílaba formulada por Saussure. O nosso objetivo é mostrar que o enfoque algébrico-funcional dado à sílaba pelo linguista suíço nos permite elevá-la a um nível de abstração no qual é possível concebê-la como uma categoria analítica que pode ser manipulada na descrição não somente dos sons de uma língua, mas também de outros fenômenos linguísticos. Para cumprir esse desiderato, apresentamos a noção de sílaba e seus parâmetros descritivos (sonoridade, graus de abertura e fechamento, mecanismos de implusão/explosão e o par funcional soante/consoante) para, em seguida, examinarmos brevemente alguns desdobramentos da teoria da sílaba nos estudos semiolinguísticos de dois seguidores de Saussure: Louis Hjelmslev e Claude Zilberberg.

Uma distinção necessária: fonologia das espécies X fonologia combinatória

As questões fonológicas, como se sabe, não constituem o foco do pensamento linguístico de Saussure e, por isso mesmo, afora um conjunto de notas pessoais esparsas, o tema é contemplado, no *Curso de Linguística Geral*, somente em um minúsculo capítulo, intitulado *fonologia*, e nos *princípios de fonologia*, um apêndice que consiste em uma espécie de adaptação de três conferências de

Saussure sobre a teoria da sílaba (que também foram transcritas para os *Escritos de Linguística Geral*).

Vale lembrar também que os termos fonética e fonologia não tinham para Saussure (s/d, p.42) o mesmo significado que hoje lhes atribuímos. A fonologia, para ele, compreendia o estudo da “fisiologia dos sons”, uma espécie de fonética articulatória, nos moldes de hoje. A fonética, por outro lado, consistia no estudo da mudança diacrônica dos sons. Essas definições, ao contrário do que muitos podem pensar, em nada alteram a coerência da reflexão de Saussure, pois se trata apenas de uma questão terminológica, determinada, essencialmente, pelo contexto sócio-histórico da época. O foco de Saussure era, na verdade, a distinção entre o que ele chamou de “fonologia das espécies” e uma “fonologia combinatória” ou fonologia dos “grupos”.

A fonologia das espécies consiste na análise dos sons isolados da cadeia sonora. Senão vejamos:

[...] o fragmento irredutível *t*, tomado à parte, pode ser considerado *in abstracto*, fora do tempo. Pode-se falar do *t* em geral, como da espécie *T* (designaremos as espécies por maiúsculas), de *i* como da espécie *I*, levando-se em conta apenas o caráter distintivo e deixando de parte aquilo de depende da sucessão no tempo (SAUSSURE, s/d, p. 51).

Voltando-se contra os estudos, particularmente, dos fonólogos ingleses de sua época que valorizavam o ato articulatório em detrimento do dado acústico, Saussure (s/d, p. 50 e 51) lança sua crítica: “é na cadeia da fala ouvida que se pode perceber imediatamente se um som permanece ou não igual a si próprio”. Desse modo, é a impressão acústica que delimita temporalmente a cadeia da fala, muito embora sua descrição só seja possível quando se toma como base o ato articulatório, pois não se pode analisar a unidade acústica tomada em sua própria cadeia. Com isso, o linguista suíço quer chamar a atenção para o fato de que um fonema isolado, tomado como pura abstração, nada nos diz sobre as relações contraídas com outros fonemas no fluxo de sucessão do tempo.

Daí, a sutileza da definição de fonema apresentada por Saussure (s/d, p. 51), praticamente esquecida pelos comentaristas dos *princípios de fonologia*:

O fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais

uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia.

A singularidade dessa definição reside no fato de que, do ponto de vista objetal, o fonema já se configura como uma relação de dependência, o que ressalta seu aspecto funcional e amortece a definição discreta de fonema como feixe de traços distintivos. O estudo isolado das espécies fonológicas passa, por conseguinte, ao largo da seguinte questão, central para Saussure (s/d, p. 62-63):

A ciência dos sons não adquire valor enquanto dois ou mais elementos não se achem implicados numa relação de dependência interna; pois existe um limite para as variações de um conforme as variações do outro; somente o fato de que haja dois elementos engendra uma relação e uma regra, o que é muito diferente da simples verificação

Por esse motivo, o mestre genebrino sugere que, ao lado da fonologia das espécies, haja lugar para uma “fonologia combinatória”, que tome como ponto de partida “os grupos binários e as seqüências de fonemas”, a fim de circunscrever as possibilidades de combinação, fixar as relações constantes e as interdependências entre as unidades sonoras (SAUSSURE, s/d, p. 63-64).

Ora, se Saussure propugna por uma fonologia que valorize as relações recíprocas entre os fonemas, é preciso, então, compreender o que se passa nos grupos binários, considerá-los como “equações algébricas”, cujos elementos mecânicos e acústicos se condicionam mutuamente. Segundo ele, é a sílaba o elemento que cumpre esse papel de se destacar mais diretamente do que os sons que a compõem.

A sílaba e seus parâmetros descritivos

A silabação, de acordo com Saussure (s/d, p. 64), é o “único fato” que uma fonologia combinatória “põe em jogo do começo ao fim”. Essa afirmação muda o foco de observação sobre os fenômenos fonológicos; ou seja, deixa-se de lado o som atomizado, simples entidade substancial, retirado do seu contexto fônico, privado de suas características dinâmicas, para se destacar a “categoria silábica”, que articula, no mínimo, duas unidades sonoras. Com bem lembra Tatit (2007, p. 61):

Não se tratava apenas de constatar que a sílaba é a sonoridade primeira que emerge da fala. Bem mais que isso, Saussure se

interessava pelo seu aspecto complexo – compreendendo dois ou mais sons – e consecutivo. Do primeiro retirava a noção relacional; do segundo, a noção de regra. De ambos, a dependência interna entre os elementos da cadeia.

A sílaba passa, portanto, a ser analisada por um viés funcional, no sentido estruturalista do termo. Sem essa condição, Tatit afirma que não se pode realizar efetivamente o estudo sintagmático das unidades sonoras que ocupam simultaneamente um “lugar” e um “tempo” na cadeia falada.

Para desenvolver a sua teorização sobre a sílaba, Saussure adota como ponto de partida a categoria “sonoridade”, com base na seguinte observação fundamental: na análise da cadeia falada há sons que se abrem e sons que se fecham. Quando ocorre abertura, chamamos esse fenômeno de explosão, se ocorre fechamento, o fenômeno passa a ser chamado de implusão. A primeira é representada pelo sinal <, a segunda pelo sinal >. A alternância desses dois fenômenos na cadeia sonora permite quatro combinações teoricamente possíveis (SAUSSURE, s/d, p.68): Um grupo explosivo-implusivo (<>), um implusivo-explusivo (><), outro explosivo (<<) e, por último, um implusivo (>>).

Um exemplo ilustrativo em língua portuguesa de análise da sílaba, sob o ponto de vista saussuriano, seria o do grupo fônico /boka/, em que se tem uma explosão no primeiro segmento, /b/ (<), seguida por um segmento de maior abertura, mas implusivo, /o/ (>). Segundo Saussure (s/d, p.70-71), “o som onde se produz essa primeira implusão distingue-se dos sons vizinhos por um efeito próprio, que é o ponto vocálico”. Nesse caso, a vogal /o/ ocupa a função de ponto vocálico. É importante lembrar que ponto vocálico independe do grau de abertura do segmento envolvido, pois a análise leva em conta os elementos diferenciais, destacados pelo ouvido e capazes de servir para a delimitação acústica da cadeia da fala. Assim, qualquer segmento pode ocupar a função de ponto vocálico, independentemente de sua espécie fonológica. Depois da vogal /o/, temos a consoante /k/, explosiva (<), seguida pela vogal /a/, implusiva (>), que também ocupa a função de ponto vocálico. O número de pontos vocálicos define o número de sílabas, no caso, temos duas sílabas no segmento /bo.ka/. Logo, o esquema funcional do segmento /boka/ poderia ser representado da seguinte maneira: b< o>. k< a>. Saussure ainda faz uma distinção entre a produção dos sons e sua função na sílaba, na

medida em que os termos “vogal” e “consoante” designam espécies diferentes de sons, ao passo que os termos “soante” e “consoante” indicam as funções dos segmentos. A distinção é importante, pois, como ilustra Tatit (2007, p.62), “um *i* que precede um *k* é implosivo ($i > k$) enquanto que se precedesse um \bullet seria explosivo ($i < \bullet$)”. Por conseguinte, nesse caso, o *i* implosivo é uma soante, já o *i* explosivo é consoante (como ocorre, por exemplo, em *fiel*), independentemente do fato de se tratar de uma mesma vogal.

Como se pode notar, o aspecto dinâmico da sílaba é, portanto, mais bem flagrado pelo jogo funcional de combinações de implosões e explosões. Um ponto que pode parecer nebuloso nessa teorização seria a afirmação de que Saussure (s/d, p. 66) se contradiz ao usar várias vezes o termo “concreto” para se referir aos elementos fônicos da cadeia sonora. De fato, talvez o termo não tenha sido o mais apropriado, quando ele afirma que pela fonologia combinatória se sai, pela primeira vez, “da abstração”: “aparecem os elementos concretos, indecomponíveis, ocupando um lugar e representando um tempo na cadeia falada”. E, mais adiante, ao falar das espécies fonológicas (como, por exemplo, “P”, “b”, “M”) como abstrações, ele acrescenta: “são essas abstrações que até agora temos distinguido e classificado; é necessário, porém, ir mais longe e chegar ao elemento concreto”.

Nada mais ilusório, considerar que o mestre genebrino pensava nos elementos ou nas relações entre as unidades na cadeia sintagmática da fala como algo “concreto”. De acordo com COURSIL (1995), o termo “concreto” é usado por Saussure não para designar uma “coisa” objetiva, realista. Trata-se, antes de tudo, de um recorte diferencial, funcional, da cadeia sonora.

De fato, Saussure (s/d, p.67) parece interessado apenas na dimensão funcional da cadeia fônica, quando lança a seguinte pergunta: “que significa em si um grupo como $l + g$? Duas abstrações não podem formar um momento no tempo”. Coisa muito diferente é falar de uma sílaba e suas funções numa combinatória de explosões e implosões (como, por exemplo, $l < k >$, $l < k <$, $l > k < e l < k >$). Ou seja, o que ele chama de “elemento concreto” somente surge *a posteriori*, em decorrência das relações entre as unidades sonoras; se pressentimos sua presença é somente como “índice da fronteira de sílaba” na cadeia sonora, haja vista termos somente alternâncias de fenômenos de implosão e explosão. Continuamos, portanto, na dimensão funcional da sílaba, no âmbito da relação de dependência estrutural entre duas unidades fônicas.

A sílaba em outros domínios teóricos: os desenvolvimentos de Hjelmslev e Zilberberg.

Pretendemos, neste tópico, apresentar, brevemente, alguns desenvolvimentos da noção de sílaba, formulada por Saussure, nos estudos semiolinguísticos de Louis Hjelmslev, um dos criadores da Glossemática, e de Claude Zilberberg, criador da chamada Semiótica Tensiva.

Seguidor imediato de Saussure, Hjelmslev (1975, 1991) propõe um teoria geral da linguagem, de caráter formal, que considera a língua como uma rede de dependências internas e uma semiótica como hierarquia. Segundo Hjelmslev (1975, p.9), “o objetivo da teoria da linguagem é verificar a tese de um sistema subjacente ao processo, e a tese de uma constância que subentende as flutuações, e aplicar esse sistema a um objeto que parece prestar-se a isso de modo particular”. Como se vê, trata-se de um método científico, que parte dedutivamente da classe para o componente, numa formalização generalizadora, e que poderia ser empregado na descrição de toda sorte de linguagem ou, se preferirmos, de toda sorte de semiótica. Com base nesses postulados, Hjelmslev e outros linguistas dinamarqueses elaboram o modelo formal de língua chamado de *Glossemática*. Circunscrevendo-se à forma, o linguista evita, a todo custo, o apelo à substância, radicalizando assim a ideia de *valor* como sendo originado pela relação, pela dependência. Para ele, “conhecer a verdadeira natureza de um objeto é encontrar a forma da qual ele é função” (HJELMSLEV, 1991, p. 148-149).

Para Hjelmslev (1985), o mecanismo da linguagem constrói-se em torno da dependência entre os conceitos de *constituantes* (constituintes) e *exposants* (expoentes ou caracterizantes), ambos podem ser centrais e periféricos e extensos e intensos. Em linhas gerais, os constituintes são aqueles elementos que não possuem a faculdade de determinar outros elementos e estabelecem relações obrigatórias entre eles. Os caracterizantes, por sua vez, podem determinar outros elementos e estabelecer relações facultativas entre eles.

É com base no aspecto funcional do conceito de sílaba aventado por Saussure, na gradação da sonoridade que se abre e que se fecha ritmicamente, que Hjelmslev (1985, p. 165) formula sua definição de sílaba: *une syllabe est une chaîne de l'expression qui ne comprend qu'un et um Seul accent* (tradução nossa: uma sílaba é uma

cadeia de expressão que compreende somente um único acento). De acordo com Tatit (2007, p.64), as contribuições teóricas dessa definição são valiosas: a) impõe a pressuposição funcional entre os constituintes centrais (vogais) e os periféricos (consoantes), a partir do conceito de acento; b) a sílaba, como componente categorial, permite a articulação metodológica entre os dois planos de linguagem, o cenemático, da expressão, e o pleremático, do conteúdo e c) a “proposta de uma versão extensa do acento na forma da modulação entoativa; de fato, há um *tema de modulação* que desenvolve função paralela ao *tema acentual*, só que em uma versão mais dilatada na cadeia prosódica do discurso”.

Sempre com base na isomorfia entre os planos, Tatit (2007, p. 64) assim resume a contribuição da sílaba Saussuriana na descrição da Glossemática:

Hjelmslev estende essas noções cenemáticas originárias da silabação, a saber os constituintes centrais (as vogais) e os constituintes periféricos (as consoantes), para o plano pleremático (da forma do conteúdo), estabelecendo igualmente os pleremas centrais (os radicais) e os pleremas periféricos (as derivações). Além disso, de acordo com a dimensão considerada, intensa ou extensa, Hjelmslev ainda propõe a correspondência entre os prosodemas acentuais modulatórios do primeiro plano e os morfemas intensos (*ex: comparação, número, gênero, artigo*) e extensos (*ex: pessoa, voz, aspecto, tempo, modo*) do plano do conteúdo.

Claude Zilberberg (1990 e 2006), criador da semiótica tensiva, segue as orientações teóricas de Saussure e Hjelmslev para propor, dentre outras coisas, uma espécie de “aspectualização da sílaba”. Consoante Tatit (2007, p. 66), o semioticista destaca a fronteira silábica e o ponto vocálico como “efeitos de estrutura aspectual”, decorrentes da articulação entre limites e gradações das ocorrências de explosões e implosões. Dessa forma, na fronteira silábica, temos a passagem da implosão para a explosão (><), que respondem pela segmentação “incoativa” e “terminativa”; já o ponto vocálico se processa na passagem da explosão, ou do silêncio, à implosão (<>) e corresponde às duratividades da cadeia. Como resultado, tem-se, segundo Tatit, um “exemplo modelar da ação do ritmo sobre o tempo”.

Do ponto de vista semiótico, essa concepção teórica de silabação aspectualizada pode ser manipulada analiticamente em vários fenômenos textuais. Tatit (2007) fornece como exemplo a passagem de

uma implosão à explosão (><): no nível silábico, temos a duratividade e o ponto vocálico, mas, em um nível narrativo, pode corresponder a um efeito de espera, de abertura; no plano modal, à instauração do / querer/ e, assim por diante. Para retomarmos uma expressão feliz de Zilberberg (2006, p.25), diríamos que a sílaba é uma “*poiese*”.

Considerações finais

A teoria da sílaba formulada por Saussure reflete o rigor científico e a homogeneidade do seu pensamento em relação às questões não somente fonológicas, mas também teórico-epistemológicas. A despeito disso, o tema é pouco explorado pelos comentaristas de Saussure, exceção feita, até onde sabemos, aos estudos de Louis Hjelmslev e Claude Zilberberg, que desenvolveram o conceito, aplicando-o em outros domínios da linguagem.

Vale pontuar o fato de que a concepção de sílaba saussuriana se distancia das concepções fonológicas tradicionais, que compreendem a sílaba como um fato fonológico de base fonética, composta de vários fonemas que se distribuem em um núcleo, um ataque e uma coda, que podem ser ocupados por um jogo de vogais e consoantes (para uma consulta exaustiva a respeito da natureza fonética ou fonológica da sílaba em várias abordagens da fonologia, sugerimos a leitura do artigo de SOUZA, 1998). Com isso, não queremos dizer que essas definições não sejam válidas, pelo contrário, constituem posições teóricas ou metodológicas legítimas para se abordar o fenômeno da sílaba.

A particularidade do pensamento saussuriano, entretanto, reside no fato de que o estudo da sílaba pressupõe uma fonologia sintagmática, em que a sílaba passa a ser definida como “consecução das implosões e das explosões na cadeia” (TATIT, 2007, P.68). Nesse jogo de forças rítmicas, a sílaba deixa de ser uma simples combinação discreta de fonemas, para ser uma forma dinâmica, funcional. Essa dinâmica abstrata da sílaba parece traduzir sua função na sintagmática da cadeia sonora de modo mais satisfatório. É talvez nesse ponto que o pensamento estruturalista de Saussure se distancia das abordagens tradicionais.

Do ponto de vista estritamente epistemológico, a sintagmática da sílaba saussuriana prioriza a coerência teórica de seu modelo de análise, em detrimento do estudo do fato fônico em si mesmo, da evidência material da sílaba. Diferentemente, por exemplo, da análise

“substancialista” dos fonólogos de Praga, que consideravam a corrente fônica do ato da fala um fato concreto, em oposição à *langue*, de natureza abstrata (cf. JAKOBSON, 1967 e TROUBETSKOY, 1967), Saussure preserva os primados da negatividade e da relação, tão caros à visada estruturalista, para se esquivar de uma postura realista diante das questões fonológicas. Afinal, “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista”, é “o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2010, p.15).

Trata-se de considerar o fenômeno da silabação sob um enfoque funcional, uma “classe munida de funções”, que promove, dedutivamente, por pressuposição, a análise da passagem da classe para o componente de classe, ao contrário do que ocorre na fonologia tradicional, cuja adoção do método indutivo promove apenas a síntese, indo dos elementos a classe.

Hjelmslev, como vimos, soube tirar proveito da reflexão saussuriana porque aproveitou a noção de sílaba como categoria funcional para refinar sua análise glossemática. Ou seja, adota a abstração algébrica da sílaba para propor categorias analíticas que estabelecem, em termos intensos e extensos, a isomorfia entre os planos da expressão e do conteúdo, como é o caso das noções de constituintes e caracterizantes. Zilberberg, por sua vez, evidencia a “aspectualização” promovida pelo jogo de implosões e explosões na cadeia silábica, com o propósito de considerá-la uma categoria descritiva aplicável a uma analítica do sentido. Poderíamos estender o alcance da sílaba aos estudos de Semiótica da canção, de Luiz Tatit, que, seguindo a mesma trilha dos outros autores, valoriza a abstração da categoria silábica na análise rítmico-temporal (concentrações e expansões) da cadeia melódica da canção.

Como bem diz Tatit (2007, p. 60-62), a “silabação” proposta por Saussure pode ser considerada um “exemplo de abstração científica do elemento dinâmico próprio da substância”. A nosso ver, essa abstração foi um fato deliberado de Saussure, na medida em que o seu conceito de sílaba reflete a heurística de seu modelo teórico-epistemológico de linguagem, mormente nesse “limbo da substância”, que é o terreno da fonologia. Enfim, ainda estamos trilhando o caminho aberto por Saussure, cujas ideias estão a nutrir as discussões teórico-epistemológicas travadas no campo da Linguística e da Semiótica. A teorização sobre a sílaba é apenas uma delas.

ABSTRACT

This article highlights the notion of syllable formulated by Saussure, systematically presented in the Principles of Phonology, chapter Appendix from the Course in General Linguistics. Although not often mentioned by those who are dedicated to study the Genevan master's work, the theory about syllable emphasizes the originality of Saussure's reflection on phonology. A syllable is designed as a general principle, with abstract nature, taken to syntagmatic description of phonic units of the languages. The analysis benchmark of a syllable is sonority and its consequences: degrees of opening and closing, mechanisms of implosion / explosion and the functional pair sounding / consonant. With this, we want to show that syllable in Saussure is a theoretical category of functional nature, which goes beyond the field of phonology to inspire semiolinguistic thoughts by many of Saussure followers.

KEYWORDS: syllables, phonology; function.

REFERÊNCIAS

COURSIL, Jacques, *Analytique de la Phonologie de Saussure: les deux théorèmes*, Linx, 7, p. 323-352, 1995.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

_____. *Ensaio linguísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. *Nouveaux Essais*. Paris, PUF, 1985.

JAKOBSON, Roman. *Fonema e fonologia*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Leipsick: B. G. Teubner, 1879.

_____. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, s/d.

_____. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

SOUZA, Ana Cláudia de. Silaba fonética e sílaba linguística: algumas considerações. *Working papers em Linguística*. UFSC, n. 2, jul-dez, 1998.

TATI, Luiz. *Semiótica da canção: melodia e letra*. São Paulo: Escuta, 2007.

TRUBETSKOY, N. S. *Principes de phonologie*. Tradução de J. Cantineau. Paris: C. Klincksiech, 1970 [1939].

ZILBERBERG, CLAUDE. *Relativité du rythme*. Protée, n° 18, hiver 90, pp.37-46, 1990.

ZILBERBERG, Claude. *Razão e poética do sentido*. São Paulo: EDUSP, 2006.

Recebido em 23 de abril.

Aprovado em 10 de maio.